

## A MULHER E A AMANTE: A CONDIÇÃO SOCIAL DA “OUTRA”

Maria Jorge dos Santos Leite\*

Alexsandra Dias Pereira\*

Este trabalho originou-se de uma pesquisa realizada por Alexandra Dias Pereira, aluna do Curso de Licenciatura em História, da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central-FACHUSC (2011) para seu trabalho de conclusão de Curso, sob a orientação da professora Maria Jorge dos Santos Leite. Os objetivos das autoras são abordar questões relacionadas à casos amorosos que entraram para a história; refletir sobre as representações, os sentimentos e a percepção que algumas mulheres (amantes, concubinas ou infiéis) têm de si próprias na atualidade e as formas de preconceitos sofridos por estas mulheres. A metodologia utilizada foi a pesquisa historiográfica, através de fontes escritas como livros, revistas, artigo científico e sites da internet, associada a uma empírica, na qual duas mulheres/amantes - cujos nomes são aqui mencionados são fictícios- foram entrevistadas e falaram sobre as motivações que tiveram para tornarem-se amantes

**PALAVRAS-CHAVE: amante, a “outra”, amor, sociedade, preconceito.**

### INTRODUÇÃO

Não existe algo tão particular e íntimo que a relação afetiva/amorosa entre um homem e uma mulher. No entanto, tal relação é também social e histórica. Quando analisadas pelos historiadores as relações, sejam elas amorosas ou de qualquer outra natureza, ganham uma nova dimensão - uma dimensão histórico-social. As relações amorosas entre homens e mulheres constituem os aspectos da vida privada, baseadas em valores e normas socialmente estabelecidos, sendo que estes podem variar de acordo com a sociedade. Stearns(2007), ao estudar as relações entre homens e mulheres lança a seguinte problematização:

O que acontece quando uma sociedade que enfatiza a obrigação de mulheres acatarem a vontade dos homens encontra pessoas de outra sociedade que acredita que as mulheres são, por natureza, moralmente superiores que os homens? O que acontece quando a sociedade que reverencia a masculinidade e as façanhas masculinas, mas na qual a maior parte dos homens são comparativamente limitados, encontra

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC; professora do Instituto Superior de Educação do Sertão Pernambucano –IF-SERTÃO.

\* Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central- FACHUSC; professora do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Salgueiro/PE.

pessoas de outra sociedade que equipara a masculinidade com grandeza? (STEARNS, 2007,p.15).

O questionamento do autor mostra-nos a existência de diferenças nas formas como as sociedades constroem as relações sociais de gênero e estabelece uma reflexão em torno das consequências provocadas pelo contato entre povos que pensam a agem diferente em relação ao lugar do homem e da mulher na sociedade. Pesquisas históricas- Stearns (2007) por exemplo – indicam que, apesar das diferenças entre sociedades, a maioria delas reserva à mulher uma condição de submissão, a dedicação ao lar e à vida conjugal e familiar. Tal condição não se aplica a todas as mulheres; narrativas históricas são enfáticas em apontar a existência de mulheres, que desafiando os padrões sociais de suas épocas, acabaram negado a condição de submissão para viverem aventuras extraconjugais que lhes proporcionassem prazer e aventura.

Nessa perspectiva, temos referências históricas a respeito de várias mulheres, entre elas podemos destacar: Cleópatra, rainha de Egito, que após enviuvar de um casamento arranjado, usou sua inteligência e poder de sedução para conquistar dois imperadores romanos: Júlio César e Marco Antônio; Domitila de Castro, Marquesa de Santos, que mesmo sendo casada com o alferes Felipe Pinto, de quem foi vítima de agressões físicas, tornou-se amante do Imperador Dom Pedro I; Josefina de Beauharnais que, depois de viúva, viveu na condição de amante de vários políticos franceses e tornou-se esposa de Napoleão Bonaparte; Carlota Joaquina, esposa infiel de D. João VI; Ana de Assis, esposa do escritor Euclides da Cunha, que substituiu o marido pelo jovem Dilermano Cândido de Assis.

Encontram-se, ainda, na mitologia grega, narrativas que demonstram as paixões despertadas por belas mulheres como Helena, esposa do grego Menelau, que despertou ardorosa paixão no Troiano Paris, sendo raptada pelo mesmo; fato que ocasionou à Guerra de Tróia. De acordo com a *Iliada* homérica, Helena e Menelau se reconciliaram após o termino da guerra.

Os famosos casos de infidelidade feminina vividos por personalidades que deixaram suas marcas na história não foram suficientes para superar o preconceito contra as mulheres que não seguem os padrões de valores de suas sociedades. No Brasil, apesar das conquistas do movimento feminista nos últimos tempos, as mulheres

consideradas “amantes”, “concubinas” ou a “outra” , ainda são vistas com muito preconceito.

### **Rainhas sem coroa: as “amantes” do rei**

Com citamos acima, foram muitas as mulheres que em diversas épocas desafiaram os padrões sociais de suas sociedades e tornaram-se amantes de personalidades políticas da história ou tiveram casos extraconjugais. Alguns desses casos são bem conhecidos nossos por fazerem parte da história do Brasil, como o de Carlota Joaquina e o da Marquesa de Santos. São casos que, além de fazerem parte da memória histórica brasileira, ficaram também imortalizados na “sétima arte”- o cinema-, através dos filmes: “Carlota Joaquina”, de Carla Camurati(1995) e a Marquesa de Santos, dirigido pela Manchete Vídeos (1984). Outros casos ainda são desconhecidos vindo à tona somente quando algum historiador “escarafunchando” os arquivos artigos acabam descobrindo diários pessoais, cartas, fotos ou outros documentos que lhes permitem reconstituir, na medida do possível, alguns desses “famosos” casos de amor.

A revista “Aventuras na História”, nº 99, de outubro de 2011, traz uma reportagem intitulada “O poder das amantes”, de autoria de Fernanda de Castro Lima, que revela casos curiosos em que algumas mulheres foram escolhidas por reis, “mas não viraram rainhas. Mesmo sem coroa algumas se tornaram tão poderosas que mudaram o mundo”(LIMA, 2011,p.57). A narrativa que se segue conta resumidamente a história de algumas dessas mulheres tendo como fonte de pesquisa a reportagem citada.

Os casamentos “reais” quase sempre eram resultado de acordos políticos e econômicos entre poderosas famílias. Por assim ser, eram compreensível que nem sempre houvesse amor entre os cônjuges. Assim, era comum o rei buscar prazeres nos braços de outras mulheres que não a sua esposa. De acordo com o historiador inglês Robin Briggs, “Pais empurravam as filhas mais atraentes para os braços do rei, torcendo para que elas terminassem em sua cama”(Apud, LIMA, 2011,p.57). Ao tonarem-se amantes, essas belas moças tinham acesso direto ao rei e eram vistas como as mais interessadas no seu bem-estar, além de ser uma fonte segura de informações sobre a corte.

Diane de Poitiers nasceu no final do século XV, era filha de nobres e casou-se muito jovem com um homem quase 40 anos mais velho do que ela. Ficou viúva aos 18

anos e, aos 30, tornou-se uma mulher deslumbrante, capaz de encantar o jovem francês Henrique, futuro rei da França, 18 anos mais novo. Henrique casou com sua prima, Catarina de Médici aos 17 anos, mas continuou mantendo um romance secreto com Diane. Foi ela que preparou Henrique para torna-se rei após a morte seu irmão mais velho. Mais do que amante, Diane foi fundamental na condução política do trono. Tornou-se membro do Conselho Privado, nomeava ministros e redigia documentos oficiais assinados como “HenriqueDiane”. De acordo com Lima(2011), ela era tão devotada ao rei que, “chegou a ensinar algumas posições sexuais à rainha, desesperada por não conseguir engravidar”(p.57). Diane recebeu jóias, castelo e título de duquesa de seu amado. Um amor infinito enquanto durou, e não durou muito. Em 1559, um duelo organizado pelo rei no palácio tirou-lhe a vida. Com a morte de Henrique, sua amante foi expulsa pela rainha.

Outras amantes não eram tão fiéis aos seus amados. É o caso da espanhola Caroline Otero, uma das dançarinas e cortesãs mais desejadas da Europa na *belle époque*. Após uma trajetória “artística” que começou aos 12 anos de idade, fazendo shows de danças em salões, foi para Lisboa, fazer shows em teatros. Virou amante de um rico banqueiro e teve vários outros amantes até casar-se com um ator italiano – que ela abandonou ao pegá-lo na cama com outra. Passou por vários países, em todos eles teve casos de amor com importantes personagens da história, ele eles: o czar Nicolau II, da Rússia; Alberto I, príncipe Mônaco; Guilherme II, da Alemanha; Afonso, da Espanha; o príncipe Edward VII, do Reino Unido e o príncipe Pirievski, da Rússia. Este teria sido um dos seis homens que se mataram por Caroline, o que rendeu à dançarina o apelido de “sereia dos suicidas”. A bela morreu aos 97 anos de idade, pobre e sozinha.

A inglesa Bárbara Villiers, condessa de Castlemaine, era casada e mesmo assim tornou-se amante do rei Charles II quando ele assumiu o trono e teve com ele uma filha. Quando o rei se casou com a princesa portuguesa Catarina de Bragança, Caroline ficou tão desesperada que, numa afronta à rainha, “pendurou as mais finas camisolas e anáguas de linho por galhos a arbustos do jardim real” (LIMA, 2011, p.58). O romance entre a condessa e o rei Charles continuou após o casamento dele. Ela dava palpite nas negociações comerciais e favorecia alguma pessoas para depois cobrar o favor. Bárbara morreu pobre aos 68 anos.

Outra amante famosa foi a também inglesa Maria Dolores Eliza Rosanna Gilbert, que fugiu de um casamento arranjado e foi estudar dança na Espanha. Ao voltar para Londres mudou de identidade e virou Lola Montez. Passou por vários países, fez amizades e teve romances com artistas e políticos. Em Munique tornou-se amante do rei Ludwig I. O governo de Ludwig, que até então era pautado pela Igreja, balançou com as ideias anticlericais da amante. “Ela derrubou o primeiro-ministro, torrava o dinheiro do rei, cuspiu e dava chicotadas em quem tivesse ideias contrárias às suas”(LIMA, 2011,p. 58). Após a morte da rainha, Ludwig e Lola se casaram, mas ele renunciou ao trono com medo de uma rebelião. Lola abandonou o marido ao descobrir que ele tinha sífilis.

Finalizando essa relação de amantes “poderosas” temos a francesa Françoise Athénais, amante do rei Luis XIV. Os dois se conheceram em 1661, quando ele estava casado com Maria Teresa, da Espanha, e ela casada com o Marquês de Montespan. O romance tornou-se mais sério quando Françoise foi escolhida para dama de companhia de Maria Teresa. Inconformado com a traição o Marquês vestiu-se de luto e colocou chifres na carruagem e em sua própria cabeça. Motivo de chacota, o rei o expulsou de Paris. Acusada de bruxaria contra o rei, Françoise foi convidada a se retirar de Versalhes e deixou o palácio insultando o rei, dizendo que fora obrigada a aguentar o cheiro dele por 12 anos. Luis XIV tinha fama de não gostar de tomar banho.

### **Mulheres infiéis e amantes: representações, estereótipos e preconceitos**

A antropóloga Mirian Goldenberg(1995) realizou estudos sobre Leila Diniz e afirma que a atriz disputava diferentes modelos de ser mulher: o religioso, que exigia a negação de sua sexualidade ou o seu exercício apenas nos limites do casamento; e outro, que pode ser pensado como mais próximo do difundido pelo feminismo, pela contracultura e pela psicanálise, que buscava a igualdade entre homens e mulheres no mundo público e privado. A autora sugere em obras suas: “ Toda mulher é um pouco Leila Diniz” e “A Outra”(1995), que o desejo da igualdade, da liberdade ou a fantasia dos “amores proibidos” são elementos que podem está contidos no interior qualquer mulher.

Esses desejos femininos nem sempre condizem com as normas que regem as sociedades. Nestas os parâmetros estabelecidos para o comportamento feminino estão muito mais próximos dos ideais religiosos, exigindo das mulheres dedicação familiar e

fidelidade conjugal, mesmo que o comportamento contrário seja perfeitamente aceito para os homens. Devido esse padrão de valores estabelecidos socialmente as mulheres sofrem, muitas vezes, uma perda de identidade. Pois, nas sociedades mais simples, interioranas, muitas mulheres não são conhecidas socialmente pelos seus próprios nomes, mas sim como a filha de “Fulano de tal”, no caso das solteiras; ou como a mulher de “Cicrano”, no caso das casadas.

Outras mulheres, cujos comportamentos não sejam definidos dentro desses mesmos padrões – na condição de filhas e esposas- por serem prostitutas, ou viverem na condição de amantes de homens casados, ou são casadas e tornaram-se adúlteras, passam a ser socialmente rejeitadas e vistas com preconceitos por grande parte da sociedade. Isto porque para a maioria das pessoas é mais “feio” a mulher ser infiel ao marido do que o homem trair a esposa, pois há desigualdades no contexto das relações de gênero que desfavorece a mulher no espaço da família e do casamento (GOLDANI, 2002).

O preconceito em relação a essas mulheres não se manifestam necessariamente em forma de rejeição da sociedade, mas, sobretudo, através de “fofocas”, nas quais seus comportamentos são “julgados” e “condenados”, por conhecidos, vizinhos ou até mesmo parentes. Francisca Luciana de Aquino, num artigo que escreveu sobre a infidelidade feminina, afirma que, em muitos casos, a fofoca emerge “nas práticas cotidianas sem que ao menos houvesse a intenção de suscitar o disse-me-disse, simplesmente porque elas fazem parte da sociabilidade local” (AQUINO,s/d,p.5). A autora também afirma que, em suas pesquisas, observou que “os fluxos de notícias sobre o desrespeito às normas aceitas no local, como os casos de infidelidade conjugal que põem em xeque a monogamia e a estrutura familiar, eram muito mais saborosos por fornecer prazer, satisfação e entretenimento às pessoas”(p.5).

No caso da fofoca surgir de forma não intencional, como elemento de sociabilidade, ou “passa tempo” prazeroso, não deixa de ser qualificada como preconceito, uma vez que este é entendido, segundo o minidicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete, como “opinião ou ideia preconcebida sobre algo ou alguém, sem conhecimento ou reflexão(AULETE, 2004,p. 638).

A doutora Olga Inês Tessari, afirma que apesar do preconceito, e das conquistas femininas adquiridas nos últimos anos, muitas mulheres ainda abrem mão de sua liberdade para viverem na condição de amantes em nome de uma paixão.

Eis um depoimento citado por Tessari:

Maria de Nazaré, 44 anos, viveu como amante por longos 15 anos. “Quando o conheci, era jovem recém formada e cheia de sonhos. Ele nunca me enganou, aceitei ser amante por que me apaixonei. É verdade que tem seu lado ruim, mas os bons momentos compensam a tristeza.

A autora acrescenta, ainda, que mesmo sofrendo preconceito as amantes conseguem enxergar o lado bom de ser a “outra”. Em outra passagem do texto Tessari cita o depoimento da vendedora Regina, de 24 anos: “Você só encontra com ele quando está de bom humor e as manifestações de carinho costumam ser sinceras (...) cada encontro é uma emoção, uma coisa diferente. Acho que nunca vou enjoar dele”.

Nessa perspectiva, a amante que sofre o preconceito redime-se diante da sociedade e de si própria, justificando sua condição de amante pela dimensão do amor que sente por um homem comprometido.

A condição de amante está sempre relacionada à traição. No caso à traição masculina, pois as mulheres torna-se amantes dos homens casados. Neste caso, o preconceito não recai sobre eles, mas sobre suas amantes. A sociedade é extremamente tolerante à tração masculina. É bastante comum se ouvir frases do tipo: “no homem não paga nada”, “o homem tem passagem livre”. E, como a traição só é rigidamente condenada para as mulheres, “a esposa que trai o marido transgride as normas que regem o casamento monogâmico e por esta razão vivencia a recriminação social e o estereótipo de uma mulher “sem valor”(AQUINO.s/d,p 11).

O preconceito em relação à condição feminina é inegável, embora possamos dizer que na prática muitos passos já foram dados em relação à igualdade de gênero. Hoje as mulheres já ocupam lugares antes considerados de exclusividade masculina. Mas os valores não se modificam com a mesma velocidade que observamos, por exemplo, no desenvolvimento das tecnologias. Por isso, quando se trata de valores, cabe à mulher carregar o maior “fardo”: o preconceito.

**Ser a “outra”: entre a fantasia e a realidade**

Mirian Goldenberg, em seu livro “A outra- estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado” (2004), relata as condições da amante, amásia, concubina. Este trabalho traz várias revelações que lhes foram feitas por mulheres que vivem na condição da “outra”. Alguns dos relatos revelam a existência de um mundo de fantasias e segredos vivido por algumas amantes, do qual parecem não querer jamais se afastar, como revela uma de suas entrevistadas: “Ninguém nunca vai saber o que há entre nós dois. Só a nós é que interessa o quanto nos queremos bem”. Outra jovem amante, de 20 anos de idade, revela à entrevistadora o que ouvira de seu amado, de 40 anos: “Quero amá-la com a loucura que esse amor sugere, quero que se sinta sufocada pelos meus beijos quentes”.

São depoimentos que explicitam diversos sentimentos: fantasias, sonhos e desejos. Sentimentos que se contrapõem à realidade; ou às representações que são feitas dessa realidade. A amante como uma pessoa desprezível e a relação entre ela e seu amado como algo reprovável e pecaminoso.

Ao realizarmos nossa própria pesquisa, ouvimos da entrevistada Ana o seguinte: “Quero compartilhar com ele todos os momentos felizes da sua vida, estando junto ou não. Mas o instante difícil que porventura ele venha a enfrentar, tenha a certeza de que estarei ao seu lado”. Em outro depoimento, de uma mulher mais jovem, os sentimentos em relação ao seu amado parece revelar paixões avassaladoras. Pelos menos é o que podemos analisar do depoimento a seguir: “Há momentos em que estou diante de milhares de pessoas e me sinto só, senão estou com ele”(MARIA, 18 anos).

Tais declarações se contrapõem à ideia do senso comum de que as amantes são sempre mulheres “interesseiras” que se aproximam dos homens casados somente com o objetivo de tirar deles vantagens financeiras. Mesmo que tal situação possa existir, a pesquisa também revela que por traz da condição de amante tão, condenada socialmente, também pode existir sentimentos verdadeiros, amores gratuitos e incondicionais.

Por outro lado, é inegável a existência de um lado fantasioso, instigante e *glamouroso* nas relações proibidas entre as amantes e seus amados. Esse talvez seja um contraponto a que essas mulheres se apegam para justificar suas condições, ou até mesmo para compensar a lado ruim de ser amante. Como, por exemplo, não poder ter



seus amados juntos de si em datas e locais significativos: aniversário, datas festivas, espaços sociais e encontros familiares. Ser feliz na condição de amante é também uma forma de responder ao preconceito sofrido, mesmo que a felicidade seja apenas imaginária.

### **Considerações finais**

Este trabalho lançou o desafio de trazer à baila um tema ao mesmo tempo instigante e polêmico, porém com a mesma importância que qualquer outro tema da história. Com a pesquisa realizada concluímos que, desde os tempos mais remotos, as sociedades já reservavam às mulheres condições subalternas e lhes impunham regras de comportamento diferentes das destinadas aos homens. Contudo, tais regras sempre foram transgredidas à medida que homens poderosos, reis principalmente, escolhiam como amantes as mais belas mulheres de seus reinos. Essas mulheres, mesmo não sendo rainhas, mas sim concubinas, tiveram grande influência política e marcaram a história de suas épocas.

Trazendo o tema para atualidade, chegamos à conclusão que, mesmo com os avanços ocorridos nas sociedades modernas, mulheres e homens continuam sendo tratados de forma diferenciada. A infidelidade masculina é socialmente aceitável, enquanto que as mulheres amantes, concubinas e infiéis sofrem com preconceito e a “condenação social”. A essa situação, muitas mulheres respondem mostrando que os amores proibidos também podem ser verdadeiros e desinteressados.

### **Referências bibliográficas**

AQUINO, Francisca Luciana. **Mulheres “gaieiras”: fofoca e infidelidade conjugal nas redes de vizinhança em nova Guanabara-pe.** Recife, UFPE (s/d). Textos disponíveis no site: [http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Jk9bVm3udSwJ:www.cnpq.br/premios/ig\\_genero\\_4/mencao\\_francisca\\_luciana.doc](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Jk9bVm3udSwJ:www.cnpq.br/premios/ig_genero_4/mencao_francisca_luciana.doc). Acessado em 06/10/11.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GOLDANI, Ana Maria. **Famílias e gêneros: uma proposta para avaliar (des) igualdades.** In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org). *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002. p. 43-62.

GOLGENBERG Mirian. **De Perto Ninguém é Normal, estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira.** Rio de Janeiro -São Paulo: Record, 2004.

\_\_\_\_\_ **Toda Mulher é meio Leila Diniz.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_ GOLDENBERG, Mirian. ***A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado.*** Rio de Janeiro: Revan, 1990.

LIMA, Fernanda de Castro. **O poder das amantes.** In: *Revista Aventuras na História*, nº 99, outubro de 2011, pp. 57-59.

TESSARI, Olga Inês. **Entre o preconceito e a alegria de ser amante.** Texto disponível no site: <http://www.olgatessari.com/id208.htm>. Acessado em 06/10/11.